

UCRÂNIA E OUTROS EFEITOS DA MULTIPOLARIDADE ATUAL

Por Gabriel Camilli*



Imagem gerada por inteligência artificial.

Marco Rubio reconhece que os EUA não estão mais em posição de conduzir uma “diplomacia de canhoneiras” contra a China, enquanto a França perde terreno para a Rússia na África; a multipolaridade avança.

Como introdução a este artigo, atualizo dados sobre a situação militar. As tropas russas estão avançando em quase todas as frentes na guerra contra a Ucrânia. Na direção de Kupyansk, a Rússia conseguiu expandir sua cabeça de ponte no Rio Oskil, perto de Dworitschna. É altamente improvável que a Ucrânia consiga destruir essa cabeça de ponte em um futuro próximo, pois os russos já conquistaram território suficiente para reforçá-la.

Os combates intensos continuam em Chasov Yar. A Rússia conseguiu capturar a maior parte do parque no extremo sudoeste da cidade, ao sul do distrito de Zhovtnevyi. As Forças Armadas ucranianas ainda estão resistindo.

Na frente sul, os russos continuaram seu avanço em Pokrovsk avançando em direção a Udachne, Kotlyne e Uspenovka.

Em 26 de janeiro, o presidente ucraniano Volodymyr Zelensky nomeou o major-general Mykhailo Drapaty como chefe do Grupo de Exércitos Khortytsia, responsável pela maior parte da Frente Oriental. Diz-se que a principal tarefa de Drapaty é estabilizar a situação em torno de Pokrovsk. Curiosamente, o general

também mantém sua posição anterior como comandante das forças terrestres ucranianas. Essas duas posições paralelas devem permitir que você use os recursos disponíveis da forma mais eficiente possível.

Essa mudança na liderança militar levanta questões: Nova estratégia, ponto de virada no Donbass?

Substituição de pessoal em vez de criar novas brigadas. A mídia ucraniana confirmou oficialmente rumores anteriores de que Zelensky ordenou no início de janeiro que parasse com a prática de formar brigadas de novos recrutas. Em vez disso, novos recrutas são mobilizados para compensar as perdas de brigadas existentes e mais experientes, para que a experiência militar e a coerência das estruturas de comando e controle possam ser melhor mantidas.

A mobilização não está funcionando: a Ucrânia não tem forças armadas treinadas. Os combates intensos continuaram na região de Kursk, e o avanço russo continua em um ritmo lento, mas constante, à medida em que eles retomam o controle. Uma semana de pesados ataques aéreos da Rússia.

SINAIS DA AMÉRICA DO NORTE

O novo secretário de Estado, Marco Rubio, descreveu como trabalhará para acabar com a guerra na Ucrânia durante sua audiência de confirmação na quarta-feira, 15 de janeiro.

Rubio disse que a posição oficial dos EUA deveria ser que a guerra deve acabar, o que ele disse ser diferente daquela do governo Biden:

“Minhas diferenças com o governo Biden ao longo desse processo é que eles nunca delinearão claramente o objetivo final do conflito. O que exatamente estávamos financiando? Em que exatamente gastamos o dinheiro?”, disse Rubio ao Comitê de Relações Exteriores. “E muitas vezes parecia, ‘Há quanto tempo?’ Esta não é uma posição realista nem prudente.”

Rubio explicou que isso ocorre porque, não importa quanta ajuda os Estados Unidos e seus aliados forneçam, a Ucrânia não é grande o suficiente para continuar lutando.

“O problema que a Ucrânia enfrenta não é que está ficando sem dinheiro, mas que está ficando sem ucranianos”, disse Rubio, citado por uma pessoa não identificada.

Rubio disse que a guerra na Ucrânia terminará com uma diplomacia dura e que ambos os lados terão que fazer concessões. Ele disse que ainda não sabe como será o plano diretor.

“A verdade é que neste conflito não há possibilidade de a Rússia tomar conta de toda a Ucrânia. Os ucranianos são muito corajosos, eles lutam muito e o país é muito grande, isso não vai acontecer”, disse Rubio. “Também é irrealista acreditar que, de alguma forma, uma nação do tamanho da Ucrânia, não importa o quão incompetente ela seja e não importa quanto dano a Federação Russa tenha sofrido

com essa invasão, não há como a Ucrânia também empurrar essas pessoas de volta para onde estavam na véspera da invasão.” (veja em: <https://san.com/cc/marco-rubio-explains-how-hed-end-war-in-ukraine-as-secretary-of-state/>).

RECONHECENDO A MULTIPOLARIDADE

O secretário de Estado Marco Rubio reconheceu a atual realidade multipolar em sua aparição no podcast de Megyn Kelly na semana passada. Aos 9m16s, ele diz:

“Não é normal que o mundo tenha apenas uma potência unipolar... foi o produto do fim da Guerra Fria, mas eventualmente chegaríamos a um ponto em que teríamos um mundo multipolar: múltiplas grandes potências em diferentes partes do planeta.”

Adaptando-se à multipolaridade atual: *“Quando você tem o exército mais forte do mundo e a maior economia do mundo, talvez você possa se dar ao luxo de ser um pouco relaxado em relação à migração e ao comércio. Isso não acontece mais nos Estados Unidos. Podemos ter o exército mais forte do mundo no papel, mas não estamos mais em posição de conduzir uma diplomacia de canhoneiras contra a China em seu território. A tecnologia de mísseis e a capacidade de fabricação da China tornam isso insustentável. E a economia real da China é agora muito maior que a nossa, como indicado por tudo, desde a construção naval até o uso de eletricidade.”*

MOSCOU AVANÇA, PARIS RECUA

De acordo com nossas investigações, a Rússia continua expandindo sua influência na África, enquanto a França recua pouco a pouco de um continente que considerou seu quintal por décadas. O Ministério das Relações Exteriores da Rússia lançará oficialmente um novo departamento dedicado às relações com a África nos próximos dias, uma iniciativa que confirma a crescente centralidade do continente na política externa do Kremlin. O Ministro das Relações Exteriores Sergey Lavrov também estará presente na cerimônia, demonstrando ainda mais a importância que Moscou atribui a esta nova instalação.

Esta é a consolidação de uma estratégia de longa data: fortalecer os laços com os países africanos por meio de ajuda militar, acordos comerciais, alívio da dívida e cooperação energética, enquanto a Europa, e a França em particular, assistem impotentes ao declínio de sua influência histórica.

Nos últimos anos, a presença francesa na África tem sido questionada em todos os lugares. Mali, Burkina Fasso, Níger e agora Chade deram as costas a Paris, com as tropas francesas forçadas a abandonar suas bases em meio a protestos populares e decisões governamentais que desmantelaram progressivamente o aparato militar francês. A Rússia, por sua vez, soube preencher o vazio deixado por Macron e seus antecessores, oferecendo aos países africanos alternativas concretas: fornecimento de armas sem condições ideológicas, treinamento militar com apoio do Grupo Wagner (hoje reconvertido sob outras siglas) e uma retórica

antineocolonial que encontra terreno fértil entre governos e populações cansados da dominação francesa.

Enquanto Moscou constrói, Paris recua. A teimosia da França em tentar manter o controle sobre suas antigas possessões acabou gerando o resultado oposto: uma rejeição quase unânime, com os governos agora buscando novos parceiros estratégicos em outros lugares. A Rússia conseguiu capitalizar esse descontentamento, oferecendo um modelo de cooperação menos vinculado a condicionais políticas ou democráticas, mais direto e mais alinhado aos interesses dos regimes africanos. Este novo departamento do Ministério das Relações Exteriores da Rússia é apenas a mais recente peça de uma política que visa consolidar uma influência já ampla.

A criação pela Rússia de uma unidade diplomática dedicada à África é um sinal de que Moscou pretende formalizar e estruturar sua estratégia no continente, garantindo uma presença mais estável e organizada. A França, por sua vez, continua sofrendo derrota após derrota, incapaz de se adaptar a um novo cenário geopolítico em que sua hegemonia é coisa do passado. **Se esta tendência não mudar, o futuro da África francófona será cada vez mais marcado por uma maior diversificação de parceiros internacionais, e Moscou estará interessada em recuperar tudo o que Paris perdeu por arrogância ou miopia política.**

Publicado no [La Prensa](#).

**Gabriel Camilli é coronel da reserva do Exército Argentino, formado Oficial de Infantaria pelo Colégio Militar de La Nación. Além de mestre em Assuntos Militares pela Universidade do Norte, possui licenciatura em Relações Públicas e Institucionais pela UADE. Fluente em inglês e italiano e com boa comunicação em alemão, possui ampla experiência, tendo participado ativamente em mediações e negociações no âmbito da ONU, além de atuar como representante da Argentina junto a missões diplomáticas e negociações entre empresas alemãs, suecas e austríacas. Atualmente é diretor do Instituto ELEVAN.*
